



Impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos profissionais da atenção primária

Impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of primary health care providers

Impacto de la pandemia de COVID-19 en la salud mental de los profesionales de la atención primaria

Gleice Noronha Dias¹, Walter Melo Junior¹, Luiz Gonzaga Chiavegato Filho¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos profissionais da atenção primária. **Métodos:** Revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados SciELO, BVS, Medline, LILACS e Periódicos CAPES. **Resultados:** Foram selecionados 17 estudos, de 11 países diferentes, sendo 2 pesquisas brasileiras. Verificou-se alta prevalência de resultados adversos de saúde mental nos trabalhadores da Atenção Primária (APS), sendo que a ansiedade, depressão, estresse e burnout foram os mais estudados. Esses profissionais foram submetidos a altas cargas de atividades, falta de EPI's e desvalorização profissional. Ser do sexo feminino, baixa experiência profissional e história de transtornos mentais foram fatores de risco para o adoecimento psíquico. Resiliência profissional, autopercepção de eficácia profissional, experiência em situações de epidemia e confiança na organização foram fatores de proteção. Evidências demonstram que, se comparados aos trabalhadores da atenção terciária, os profissionais da APS têm mais riscos de adoecimento mental. **Considerações finais:** Ainda carecem pesquisas sobre o contexto laboral dos trabalhadores da APS, especificamente no período de combate à pandemia, que se configurou em agravamento das condições de saúde mental desses trabalhadores.

Palavras-chave: COVID 19, Profissionais de saúde, Atenção Primária, Saúde mental.

ABSTRACT

Objective: To analyze the impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of primary health care providers. **Methods:** Integrative literature review carried out in SciELO, BVS, Medline, LILACS and CAPES Periódicos databases. **Results:** It has been selected 17 papers, from 11 different countries, being 2 Brazilian works. It has been confirmed the high occurrence of adverse outcomes in mental health in Primary Care Providers (PCP), being anxiety, depression, stress and burn-out syndrome the most analyzed emotional disorders. These professionals were subjected to multitasking, lack of PPEs and professional devaluation. Being female, low professional experience and a history of mental disorders were risk factors for mental illness. Professional resilience, self-perception at work, experience in epidemic-like situations and trust in the division

¹ Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), São João Del Rei - MG.

of labor were the protective factors. Evidence shows that PCPs have a higher risk of mental illness compared to tertiary health care providers. **Final considerations:** There is still a lack of research on the work scenario of PCP professionals, especially during the fight against the pandemic, which resulted in the deterioration of the mental health of these workers.

Keywords: COVID 19, Health care professionals, Primary care, Mental health.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el impacto de la pandemia de COVID-19 en la salud mental de los profesionales de la atención primaria. **Métodos:** Revisión integrativa de la literatura realizada en las bases de datos de Periódicos SciELO, BVS, Medline, LILACS y Periódicos CAPES. **Resultados:** Se seleccionaron 17 (diecisiete) estudios de 11 (once) países distintos, siendo 02 (dos) de ellos brasileños. Se observó una alta prevalencia de resultados adversos en la salud mental de los trabajadores de la Atención Primaria de Salud (APS), destacando la ansiedad, la depresión, el estrés y el burnout como los más estudiados. Estos profesionales fueron sometidos a altas cargas de trabajo, escasez de equipos de protección individual (EPIs) y devaluación profesional. Ser mujer, tener poca experiencia laboral y antecedentes de trastornos mentales fueron factores de riesgo para el deterioro psíquico. La resiliencia profesional, la autopercepción de eficacia profesional, la experiencia en situaciones de epidemia y la confianza en la organización fueron factores protectores. Las evidencias demuestran que, en comparación con los trabajadores de la atención terciaria, los profesionales de la APS corren un riesgo más elevado de padecer de enfermedades mentales. **Consideraciones finales:** Aún se necesitan más investigaciones sobre el contexto laboral de los trabajadores de la APS, específicamente en este período de combate a la pandemia, lo que resultó en el empeoramiento de las condiciones de salud mental de estos trabajadores.

Palabras clave: COVID-19, Profesionales de la salud, Atención primaria, Salud mental.

INTRODUÇÃO

O mundo vivenciou um desafio sem precedentes com a emergência da pandemia da COVID-19, sendo necessário engendrar inúmeras medidas para desacelerar a disseminação do vírus SARS-CoV-2, ou novo coronavírus, na tentativa de evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde. A situação foi considerada muito grave em consequência do grande número de pacientes que chegaram ao estágio grave da doença (BANCO MUNDIAL, 2020).

No tocante aos profissionais de saúde, o cenário foi descrito como bastante difícil e sofrido, com enormes sacrifícios pessoais e profissionais realizados pelos trabalhadores (SOUZA L, et al., 2021). Evidenciou-se uma grande sobrecarga de trabalho, aliada a problemas como um quantitativo deficiente de recursos humanos e infraestrutura inadequada.

Além disso, tiveram que lidar com o afastamento de familiares e o medo de contaminá-los. Tais fatores, entre outros, foram apontados por diversas pesquisas como fonte de impacto à saúde mental dos trabalhadores (BARROSO BIL, et al., 2020; SOARES JP, et al., 2022).

Quando o trabalho tem sua consecução ancorada em condições insalubres e de insegurança, tal situação pode interferir no bem-estar físico e mental do trabalhador (RATOCHINSKI CMW, et al., 2016; ANDRADE CB, et al., 2018; LANCMAN S e JARDIM TA, 2004). Contudo, a reação governamental brasileira foi na esteira da propagação das medidas de distanciamento das pessoas e, sobretudo, na corrida pela disponibilização de leitos de unidade de terapia intensiva para os doentes graves.

Pouco foi feito em relação ao fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS), onde 80% dos casos leves e moderados foram atendidos, demonstrando ser o lugar de primeiro acesso para os cuidados relativos ao coronavírus (DUNLOP C, et al., 2020). O governo federal também incorreu em grande demora na compra de vacinas, preterindo a opção preventiva e, comprovadamente, mais eficaz. A APS deve ser eleita como um

dos principais alicerces para se combater situações de emergências, como já visto nos casos de dengue, Zika, febre amarela, Chikungunya. Para o combate à COVID-19, deve-se apostar nas principais características da organização básica do SUS, como o conhecimento do território, o acesso e o vínculo entre usuários e equipe. Ações como monitoramento das famílias e garantia de integralidade da assistência são estratégias fundamentais para a contenção dos casos e vigilância dos sinais de gravidade (SARTI TD, et al., 2020).

Por se configurar como a porta de entrada para o SUS, as unidades da APS passaram por inúmeras adaptações e transformações, carecendo de uma completa reestruturação e reorganização para lidar com os inúmeros desafios que a pandemia propôs aos profissionais.

Contudo, mesmo a APS ocupando uma centralidade na organização do cuidado no SUS, ainda são poucos os estudos na literatura nacional e internacional sobre a temática do sofrimento mental vivenciado por esses trabalhadores, especificamente no período pandêmico. Desse modo, o objetivo do presente estudo é descrever, a partir da produção científica nacional e internacional, as evidências atuais sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental desses profissionais.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional, buscando responder a seguinte pergunta norteadora: qual o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos profissionais da APS? Com a delimitação da pesquisa efetivada, procedeu-se para o levantamento bibliográfico utilizando os sítios eletrônicos da Scielo, BVS, Medline (via PubMed), LILACS e Periódicos CAPES (sem a Medline). Para os descritores, foram selecionados termos que estavam disponíveis no cadastro dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do Medical Subject Headings (MESH).

Foram utilizados os operadores booleanos “AND” e “OR” em combinação com os seguintes descritores: “mental health”, “occupational health”, “working conditions”, “primary care”, “primary health care”, “public health” “workers”, “health care”, “health care worker(s)”, “health care professional”, “healthcare personnel”, “COVID-19”, “pandemic”, “COVID-19 pandemic”.

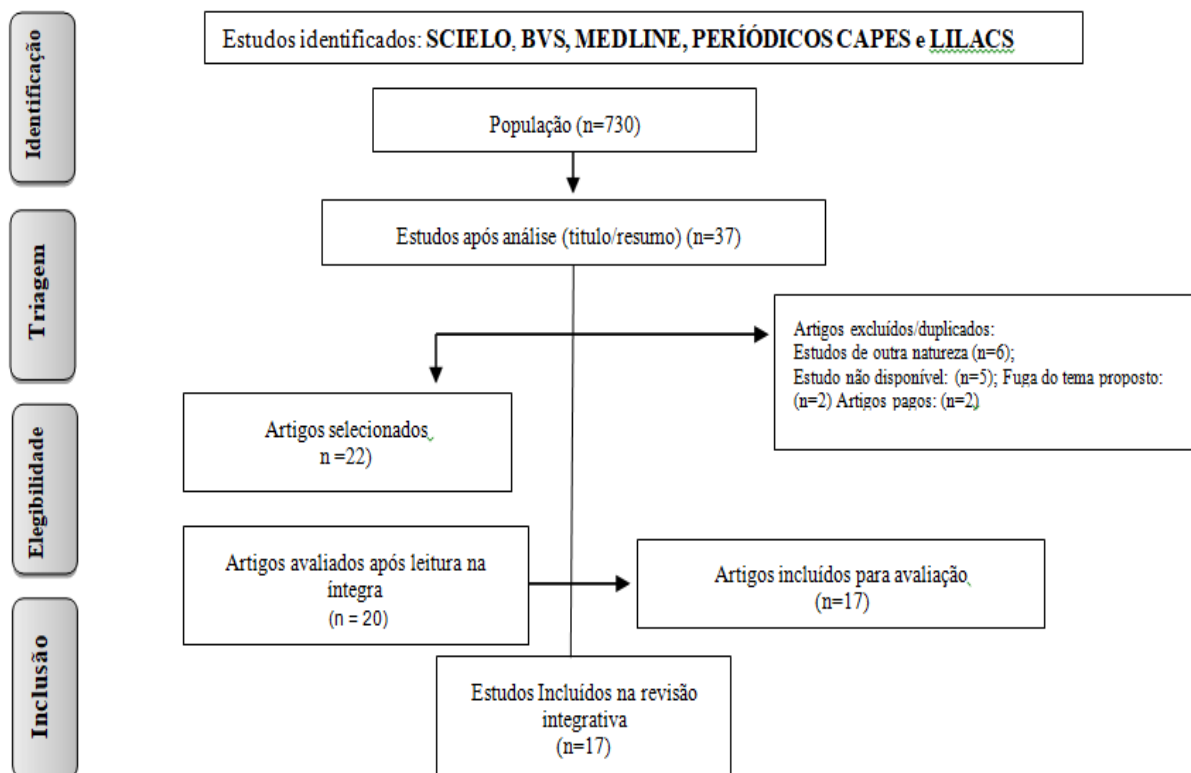
Na fase de seleção da amostra, os critérios de elegibilidade para a leitura integral do estudo foram: artigos completos, disponíveis gratuitamente, revisados por pares, publicados em qualquer idioma, divulgados a partir de 2020, que estudassem sobre a temática da saúde mental dos trabalhadores da APS na pandemia, com abordagens quantitativas ou qualitativas. Destaca-se que pesquisas que realizaram comparações sobre o contexto de saúde mental de profissionais de saúde em ambiente hospitalar e profissionais de saúde da atenção primária também foram incluídas.

A análise do acervo foi realizada a partir da identificação e agrupamento de unidades de significado e construção das categorias de análise, de acordo com a técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Silva CR, et al. (2005). Nessa análise, emergiram quatro temáticas: (1) sintomas psicológicos dos trabalhadores da APS na pandemia; (2) condições de trabalho na pandemia; (3) fatores de risco e proteção para o adoecimento psíquico; (4) profissionais da atenção primária versus profissionais da atenção terciária.

RESULTADOS

A estratégia de busca identificou um total de 730 artigos. Na triagem, com a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos 693 estudos que não cumpriam os critérios de elegibilidade. Dos 37 pré-selecionados, 15 foram excluídos (6 porque não contemplavam a temática, 5 porque o estudo não estava disponível, 2 fugiam do tema proposto e 2 artigos não eram gratuitos). A partir dos 22 estudos restantes, procedeu-se à leitura na íntegra, em que mais 2 artigos foram excluídos por não preencherem os critérios de elegibilidade. No final, 17 estudos foram incluídos na revisão, por preencherem inequivocamente todos os critérios estabelecidos. O processo de seleção é apresentado na **(Figura 1)**.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos estudos para inclusão na revisão integrativa.



Fonte: Dias GN, et al., 2024.

O **Quadro 1** apresenta o tamanho da amostra estudada, bem como os profissionais que foram foco da pesquisa e a compilação dos principais resultados e conclusões dos estudos.

Quadro 1 – Síntese dos principais achados para esta revisão integrativa.

N	Autores(Ano)	Principais achados
1	Nonaka S, et al., 2022.	Estudo transversal realizado no Japão com 605 médicos da APS (médicos e residentes de medicina). Entre os 283 entrevistados na primeira pesquisa e 322 na segunda pesquisa, 98 (34,6%) e 111 (34,5%) relataram sintomas de burnout, respectivamente. Em junho de 2020, 82 entrevistados (25,5%) relataram que seus níveis de burnout foram exacerbados em relação a janeiro de 2020. Apenas a experiência de isolamento foi associada com a exacerbação do burnout. Concluíram que nenhuma mudança marcante na prevalência de burnout entre médicos e residentes da APS durante a pandemia de COVID-19 como um todo. No entanto, o isolamento social foi associado com a exacerbação do nível de burnout.
2	Aragonès E, et al., 2022.	Estudo transversal na Espanha realizado com 2928 trabalhadores da APS (Médicos de família, pediatras, dentistas, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e pessoal administrativo). 43,7% têm um sofrimento mental atualmente. Ser do sexo feminino, ter transtornos mentais anteriores, maior exposição ocupacional a pacientes com COVID-19, ter filhos ou dependentes ou ter um cargo administrativo foram associados com maior risco de sofrimento mental. A resiliência pessoal mostrou-se um fator protetor. Concluíram que quase metade dos trabalhadores da atenção primária mostrou sofrimento psíquico
3	Lasalvia A, et al., 2021.	Estudo transversal realizado com 215 médicos da APS na Itália. No geral, 44,7% relataram eventos traumáticos relacionados ao COVID-19; entre estes, 35,9% desenvolveram sintomas de sofrimento pós-traumático. Além disso, 36% relataram sintomas de ansiedade, 17,9% sintomas de depressão leve ou moderada e 25,4% sintomas de burnout. Ser mulher, trabalhar em ambientes rurais e ter menos

		experiência profissional foi associado a maior ansiedade e depressão. A capacidade de diagnosticar a COVID-19 aumentou a autopercepção da eficácia profissional, contribuindo para a redução do burnout. Concluíram que a alta prevalência de resultados adversos de saúde mental neste público durante a pandemia destaca a importância de intervenções oportunas.
4	Pereira EC, et al., 2022.	Estudo descritivo realizado com 11 profissionais da APS no Brasil. Os participantes deste estudo relataram elevada carga de trabalho, distanciamento da rede socioafetiva, sentimentos e sensações desagradáveis em relação às mudanças na rotina laboral e ao gerenciamento de suas próprias relações. Concluíram que o estudo permitiu identificar o impacto da pandemia, especialmente na saúde mental dos trabalhadores, o que influenciou a busca por estratégias de cuidado que incluíam as Práticas Integrativas Complementares.
5	Al-Amer R, et al., 2021.	Estudo qualitativo realizado com 10 odontólogos da APS na Jordânia. Falta de diretrizes claras, mudanças na prática, medidas de distanciamento e interações sociais alteradas, impactaram negativamente a vida diária, desencadeando sofrimento mental. Concluíram que a pandemia e as medidas de controle necessárias prejudicaram a prática odontológica e a vida pessoal de odontólogos que trabalham na Jordânia.
6	Londoño-Ramírez AC, et al., 2021.	Estudo transversal realizado na Espanha com 343 médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e pessoal administrativo, sendo 265 de hospitais e 78 da atenção primária. Encontraram casos de ansiedade em 35,6% e “em risco” (21%). Houve maiores sintomas de ansiedade no grupo atenção primária do que no grupo hospitalar (32% vs. 18%). Os fatores associados à prevalência de sintomas de ansiedade foram as percepções de ameaça, proteção, gerenciamento, sobrecarga do cuidador e grau percebido de ameaça associado ao COVID-19. Concluíram que há maior nível de ansiedade nos profissionais da atenção primária que nos profissionais da atenção hospitalar. Nesse sentido, destacou-se que há carência de estudos que avaliam o impacto da COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde, diferenciando atenção primária e atenção terciária.
7	Carmassi C, et al., 2022.	Estudo transversal realizado com 139 médicos da APS na Itália. Uma análise de cluster identificou três grupos com leve (44,6%), moderado (35,3%), e carga psicopatológica grave (20,1%). A maior gravidade dos sintomas foi relacionada à idade mais jovem, menos anos de serviço como clínico geral, trabalhando em área de alta incidência da pandemia, tendo um parente em risco de complicações médicas devido ao COVID-19, além de possuir complicações de risco para COVID e história de doenças psiquiátricas. Os achados mostraram que os médicos foram forçados a realizar sua atividade profissional em condições extremamente estressantes durante a pandemia de COVID-19, estavam em alto risco de desenvolver problemas de saúde mental e uma pior qualidade de vida.
8	Apaydin EA, et al., 2021.	Estudo transversal realizado com 147 enfermeiros, auxiliares de enfermagem e profissionais de apoio da atenção primária nos EUA. 43% dos profissionais de saúde relataram burnout. Menores níveis de burnout do profissional de saúde foram associados a uma melhor adaptação profissional, nas áreas de reconhecimento ou valorização no trabalho e também em objetivos congruentes da organização do trabalhador com seus valores pessoais. Concluiu-se que ambientes de trabalho melhor adaptados às necessidades profissionais pode ser a chave para reduzir o esgotamento dos profissionais de saúde, mesmo após a crise sanitária.
9	Enabulele O e Mobolaji A, et al., 2021.	Estudo transversal realizado com 96 médicos, Enfermeiros, Farmacêuticos, Biomédicos e outros profissionais de saúde da APS na Nigéria. A maioria dos entrevistados (39,6%) teve percepção de risco moderada da COVID-19. A percepção de alto risco foi mais frequente no sexo feminino do que nos homens (27,8 vs 11,9%). A maioria (76,0%) dos respondentes tinha boas práticas de medidas de precaução contra a COVID-19. Recomendou-se treinamento formal e o retreinamento sobre Prevenção e Controle de Infecções.
10	Maroto MAM., et al 2022.	Estudo transversal realizado com 268 médicos da APS da Espanha. Observa-se que 19% dos médicos avaliados apresentam baixos níveis de resiliência; 54%, níveis médios e 27%, níveis altos. Por sua vez, 32% indicaram algum grau de depressão; 35%, ansiedade e 37%, estresse. Os resultados das regressões lineares mostraram

		que a resiliência, com correlação inversa, prediz depressão. Concluiu-se sobre a necessidade de promover a resiliência entre médicos da atenção primária, com a intenção de reduzir seus níveis de depressão, ansiedade e estresse.
11	Ayaslier AA, et al., (2023).	Estudo transversal na Turquia com 582 trabalhadores da APS (258 médicos e 324 enfermeiras). Médicos de Família e enfermeiras experimentaram níveis semelhantes de burnout em termos de Exaustão Emocional. Os médicos de família apresentaram níveis mais elevados de baixa realização pessoal e despersonalização. Baseados nos resultados da análise multivariada, enquanto maiores níveis de exaustão emocional foram significativamente associados com distribuição desigual da carga de trabalho e problemas de comunicação dentro da instituição para médicos, distribuição desigual de EPI, falta de valorização por parte de pacientes ou colegas e restrições aos direitos trabalhistas foram fatores relevantes para os enfermeiros. Concluiu-se que Médicos e enfermeiros da APS são afetados pelo burnout de diferentes formas na Pandemia da COVID-19, baseada em gênero, situação socioeconômica e condições de trabalho. Proteger a saúde mental dos trabalhadores da APS na próxima emergência de saúde pública é fundamental.
12	Celestino Júnior FT, et al., 2023.	Estudo transversal no Brasil com 194 trabalhadores da APS (99 enfermeiros e 95 médicos). Dos participantes, 48,6% apresentaram risco elevado para a presença de transtorno mental no contexto da pandemia da COVID-19, e uma média de 66,8% dos sentimentos negativos experimentados têm relação com a pandemia. É fator de sofrimento mental para os respondentes a possibilidade de ser veículo de transmissão da COVID-19 para familiares ou pessoas próximas. Observou-se associação estatisticamente significativa entre risco elevado de transtornos mentais e percepção dos respondentes (total de médicos) acerca dos equipamentos de proteção individual (EPI) disponíveis nas Unidades de Saúde. Recomendou-se a adoção de estratégias para a abordagem do sofrimento mental nessa categoria profissional, além de estudos adicionais para determinar o perfil de adoecimento desse grupo.
13	Aulanko I, et al., 2023.	Estudo transversal na Finlândia com 1580 profissionais da APS (895 da atenção terciária e 685 da atenção primária). Os profissionais de saúde da APSs eram menos propensos a tratar pacientes com COVID-19. No entanto, ambos os grupos relataram um número semelhante de infecções por COVID-19, profissionais de saúde primários 4,9% e profissionais de saúde terciários 5,0% e trabalhar na quarentena foi significativamente mais prevalente entre os profissionais de saúde primários. Além disso, o bem-estar relacionado ao trabalho foi pior entre os profissionais da APS do que os profissionais de saúde terciários, em termos de se sentir mais estressado no trabalho, não se recuperando. Profissionais da APS relataram bem-estar mental abaixo dos níveis normais e aumentaram as horas de trabalho. Concluiu-se que a pandemia afetou o bem-estar e as condições de trabalho de não apenas profissionais de saúde terciários, mas também dos primários, que são menos estudados.
14	Cunningham AT, et al., 2022.	Estudo qualitativo realizado com 14 profissionais da Atenção Primária. Pessoal reduzido, licenças médicas estendidas pelas necessidades de COVID-19 e não-COVID-19, maior demanda de gerenciamento de pacientes de saúde mental e com comportamentos agressivos, e frustração de que as práticas pré-pandemia estavam sendo mantidas. Todas as métricas contribuíram para taxas cada vez mais altas de burnout. A maioria dos participantes descreveu seu suporte no nível da gestão como amplamente indiferente às suas contribuições e oferecendo pouco apoio ou recursos, embora alguns reconheceram que isso pode refletir que a liderança também está sob imensa tensão. Concluiu-se que a reorganização da atenção primária é necessária para evitar mais adoecimento dos profissionais da APS.
15	Fišeković-Kremić M, et al., 2022.	Estudo transversal com 150 profissionais da APS na Sérvia. Na amostra, 94,6% dos profissionais de saúde afirmaram que receberam equipamentos de proteção individual (EPI). Resultados revelaram associação significativa apenas entre gênero e ansiedade. A ansiedade foi maior entre as mulheres do que entre os homens. A correlação de análise indicou que o sentimento de ansiedade foi positivamente correlacionada com a carga de trabalho, exaustão e tensão familiar. Concluiu-se que Gênero é o fator de risco para ansiedade em profissionais de saúde da APS.

16	Lee E, et al. (2020)	Estudo transversal realizado com 1040 profissionais da APS em Singapura. O nível médio de estresse percebido pelos profissionais de saúde em vários departamentos variou de 17,2 a 20,3. Os entrevistados que relataram maior estresse percebido foram aqueles que tiveram que fazer adaptações na vida. Respondentes que relataram menor estresse percebido foram aqueles que passaram pela epidemia de síndrome respiratória aguda grave em 2003 e a pandemia de H1N1 em 2009 como profissionais de saúde e aqueles que tinham maior confiança na proteção e apoio da organização. Concluiu-se que melhorar a confiança dos profissionais de saúde em seu treinamento, proteção e apoio da organização, fornecimento de equipamento de proteção e reter profissionais de saúde experientes que possam fornecer aconselhamento e apoio emocional aos mais jovens são importantes.
17	Santos WJ, et al. (2022)	Estudo transversal realizado em duas unidades da Atenção Primária do Brasil, com 67 profissionais. A pandemia do novo coronavírus afetou a saúde física negativamente em 35,8%(n=24) dos participantes, e 64,2%(n=43) relataram não terem sofrido alteração. Em relação a TMC foi encontrado em 46,3%(n=31) das pessoas que responderam ao questionário. Foi significativa a razão de prevalência entre indivíduos que fazem atividade física e TCM 0,47. Concluiu-se sobre a necessidade do desenvolvimento de ações e estratégias que minimizem os efeitos da pandemia sobre as saúdes física e mental dos trabalhadores da atenção primária.

Fonte: Dias GN, et al., 2024.

Em relação aos aspectos gerais das pesquisas desta revisão, constata-se o seguinte: os 17 estudos descrevem as repercussões que a pandemia trouxe na saúde mental dos profissionais da APS, problematizando sintomas mais prevalentes, as condições de trabalho em tempos de pandemia e fatores de risco e proteção para melhores ou menores níveis de adaptação a essa condição de crise na saúde.

Sintomas psicológicos dos trabalhadores da APS em pandemia

Entender o sofrimento mental dos trabalhadores da APS, incluindo dados de prevalência dos principais sintomas psicológicos observados foi a contribuição de muitos estudos (13 no total), representando 76,4% da amostra (NONAKA S, et al., 2022; ARAGONÈS E, et al., 2022; LASALVIA A, et al., 2021; LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021; CARMASSI C, et al., 2022; APAYDIN EA, et al., 2021; ENABULELE O e MOBOLAJI A, 2021; MAROTO MAM, 2022; AYASLIER AA, et al., 2023; CELESTINO JÚNIOR FT, et al., 2023; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022; LEE E, et al., 2020; SANTOS WJ, et al., 2022).

O esgotamento profissional foi tema de três pesquisas (17,6%) sendo representada por meio dos estudos do burnout em profissionais da APS. Esses estudos concluíram que os trabalhadores foram expostos a situações extremamente exigentes (NONAKA S, et al., 2022; APAYDIN EA, et al., 2021; AYASLIER AA, et al., 2023). Nonaka S, et al. (2022) relataram que 34 % dos participantes tinham sintomas de burnout e que 25,5% tiveram seus níveis de burnout piorados quando comparado à primeira coleta de dados (início da pandemia).

Ayaslier AA, et al. (2023) discutiram que médicos e enfermeiros são afetados pelo burnout de formas diferentes, devido às disparidades de gênero, socioeconômicas e condições de trabalho. Lasalvia A, et al. (2021) encontraram uma prevalência de 25,4% de sintomas de burnout. Já Apaydin EA, et al. (2021) apresentaram uma prevalência de 43% dos profissionais com burnout, estabelecendo relação com as condições de trabalho.

Os estudos de Lasalvia A, et al. (2021), Maroto MAM (2022) e Lee E, et al. (2020) mediram dados psicométricos em relação à ansiedade, depressão e estresse. Os primeiros autores relataram 6% de sintomas de ansiedade, 17,9% de sintomas de depressão leve ou moderada. Já o segundo autor encontrou 32% com algum grau de depressão, 35% com ansiedade e 37% com estresse. Lee E, et al. (2020) demonstraram que o nível médio de estresse percebido pelos profissionais de saúde da APS variou de 17,2% a 20,3%.

Alguns estudos mediram escores entre todos os entrevistados: 43,7% dos profissionais da APS com sofrimento mental (ARAGONÈS E, et al., 2022); 44,7% relataram eventos traumáticos relacionados à COVID-19 (LASALVIA A, et al., 2021); 39,6% tiveram percepção de risco moderada da COVID-19 (ENABULELE O e

MOBOLAJI A, 2021); 48,6% apresentaram risco elevado para a presença de transtorno mental no contexto da pandemia de COVID-19, uma média de 66,8% demonstraram sentimentos negativos em relação à pandemia (CELESTINO JÚNIOR FT, et al., 2023); 46,3% de prevalência de transtornos mentais comuns (SANTOS WJ, et al., 2022).

Condições de trabalho na pandemia

Várias pesquisas estudaram as condições de trabalho dos profissionais da APS na pandemia, demonstrando a necessidade de se refletir sobre a organização do trabalho e investir em estratégias para a proteção da saúde mental desses trabalhadores (PEREIRA EC, et al., 2022; AL-AMER R, et al., 2021; APAYDIN EA, et al., 2021; AYASLIER AA, et al., 2023; CELESTINO JÚNIOR FT, et al., 2023; CUNNINGHAM AT, et al., 2022; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022).

O estudo de Fišeković-Kremić M (2022) encontrou uma correlação positiva entre ansiedade e carga de trabalho. Adicionalmente, a exaustão emocional foi associada a uma distribuição desigual da carga de trabalho na pesquisa de Ayaslier AA, et al. (2023).

As pesquisas que estudaram o fenômeno do burnout trouxeram achados importantes que demonstram como a organização do trabalho pode favorecer o adoecimento psíquico. Menores níveis de burnout do profissional de saúde da APS foram associados a uma melhor adaptação profissional, quando recebem reconhecimento ou valorização no trabalho e, ainda, quando os objetivos da organização são congruentes aos valores pessoais do trabalhador (APAYDIN EA, et al., 2021).

Merece atenção os estudos de Ayaslier AA. et al. (2023), ainda sobre burnout, pois os autores compararam as condições de trabalho associadas aos níveis de burnout entre médicos e enfermeiros da APS. Os achados em relação aos médicos trazem associações positivas com exaustão emocional nos casos de distribuição desigual da carga de trabalho e problemas de comunicação dentro da instituição. No tocante aos enfermeiros, distribuição desigual de EPI, falta de valorização por parte de pacientes ou colegas e restrições aos direitos trabalhistas foram fatores relevantes e associados à exaustão emocional e despersonalização.

Celestino Júnior FT, et al. (2023) observaram associação estatisticamente significativa entre risco elevado de transtornos mentais e percepção dos respondentes acerca dos EPIs disponíveis nas Unidades de Saúde, indicando que a falta desses equipamentos pode favorecer o adoecimento. Fišeković-Kremić M (2022) ponderou que o sentimento de ansiedade não se correlacionou com o sentimento de proteção entre os trabalhadores que estudou, mas pode ser explicado por um dado anterior em que ele demonstra que 94,6% dos profissionais relataram que receberam os EPIs adequadamente.

Fatores de risco e proteção para o adoecimento psíquico

Algumas pesquisas, além de mapearem as condições da saúde mental do trabalhador, também realizaram correlações estatísticas com o objetivo de indicarem os fatores de risco de adoecimento e, em alguns casos, os fatores de proteção (ARAGONÈS E, et al., 2022; LASALVIA A, et al., 2021; LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021; CARMASSI C, et al., 2022; MAROTO MAM, 2022; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022; LEE E, et al., 2020).

O gênero se mostrou um importante fator de risco para ansiedade em profissionais de saúde das Unidades Básicas, sendo o sexo feminino associado a maiores níveis de ansiedade (ARAGONÈS E, et al., 2022; LASALVIA A, et al., 2021; MAROTO MAM, 2022; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022). Outro fator de risco para maior sofrimento mental que foi discutido é a história de transtornos mentais (CARMASSI C, et al., 2022; ARAGONÈS E, et al., 2022; MAROTO MAM, 2022). Pouca experiência profissional também foi um dos achados mais prevalentes como fator de risco para sofrimento mental (LASALVIA A, et al., 2021; CARMASSI C, et al., 2022; LEE E, et al., 2020).

Outros fatores de risco que impactaram a saúde mental foram descritos nos estudos: maior exposição ocupacional a pacientes com COVID-19 (ARAGONÈS E, et al., 2022), ter filhos ou dependentes (ARAGONÈS E, et al., 2022), ter um cargo administrativo (ARAGONÈS E, et al., 2022), sobrecarga (LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022), idade mais jovem (CARMASSI C, et al., 2022), grau

percebido de ameaça da COVID-19 (CARMASSI C, et al., 2022; LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021), ter um parente em risco de complicações médicas devido à COVID-19 (CARMASSI C, et al., 2022; FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M, 2022), além de possuir complicações de risco para COVID-19 (CARMASSI C, et al., 2022).

Os fatores de proteção, que auxiliam o indivíduo a terem uma melhor adaptação a esse momento de crise pandêmica, foram elencados por alguns dos estudos dessa revisão (ARAGONÈS E, et al., 2022; LASALVIA A, et al., 2021; MAROTO MAM, 2022; LEE E, et al., 2020).

A resiliência dos profissionais foi apontada por três estudos (ARAGONÈS E, et al., 2022; MAROTO MAM, 2022; LEE E, et al., 2020). Maroto MAM (2022) publicou os resultados das regressões lineares mostrando que a resiliência, com correlação inversa, prediz depressão (22,2%), ansiedade (8,3%) e estresse (12,3%), ou seja, quanto maior a resiliência, menos sintomas psicológicos nos trabalhadores da APS.

Outros fatores de proteção apontados foram: autopercepção de eficácia profissional (LASALVIA A, et al., 2021), ter passado por outras situações de epidemia (LEE E, et al., 2020) e maior confiança na proteção e apoio da organização (LEE E, et al., 2020).

Profissionais da atenção primária versus profissionais da atenção terciária

Dois estudos com resolveram comparar o impacto dessa crise de saúde pública entre profissionais da atenção primária (foco dessa revisão) e profissionais da atenção terciária (AULANKO I, et al., 2023; LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021).

A apresentação dos dados chama ainda mais a atenção sobre a organização do trabalho na atenção primária, pois seus trabalhadores apresentaram maiores riscos de sofrimento mental que profissionais de hospitais (AULANKO I, et al., 2023; LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al., 2021).

Aulanko I, et al. (2023) com uma amostra de 1580 profissionais (895 da atenção terciária e 685 da atenção primária), concluíram que o prejuízo na área da saúde e do bem-estar dos profissionais são ainda maiores na atenção primária que na atenção terciária e, que até o momento, são menos estudados pela comunidade científica.

Os dados demonstraram que o bem-estar relacionado ao trabalho foi pior entre os profissionais da APS em termos de se sentir mais estressado no trabalho. Londoño-Ramírez AC, et al. (2021) encontraram níveis maiores de estresse nos trabalhadores da APS que nos trabalhadores dos hospitais, sendo 32% e 18%, respectivamente. Os pesquisadores também destacaram a carência de estudos que avaliam o impacto da COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde, diferenciando ambos os grupos.

DISCUSSÃO

Os sintomas psicológicos mais encontrados entre os profissionais da APS, que foram ansiedade, depressão, estresse e burnout, são semelhantes aos encontrados na literatura científica que estudou os profissionais de saúde em outros ambientes, que não o da APS, nesse momento de crise sanitária. Pit CO, et al. (2022), em revisão integrativa com estudos do Brasil, confirmaram a prevalência de sintomas como ansiedade, depressão, estresse, medo, insônia, angústia, burnout, solidão, pânico, falta de apetite e crise de identidade profissional.

Contudo, as pesquisas internacionais de Aulanko I, et al. (2023) e Londoño-Ramírez AC, et al. (2021), realizadas na Finlândia e Espanha, respectivamente, despertam o interesse pelo cenário laboral dos profissionais da unidade básica, afirmando que os trabalhadores da APS têm níveis mais altos de adoecimento psíquico no trabalho quando comparados com profissionais da atenção terciária. Os estudiosos também refletem sobre os escassos estudos sobre a temática da saúde mental dos profissionais da APS na pandemia.

Esse fenômeno, de focalizar profissionais do contexto hospitalar, pode ser explicado, no caso do Brasil, pela inversão de valores das políticas públicas, que foram voltadas para a atenção terciária. A reação governamental, nos tempos de picos de contaminação, privilegiou a disponibilização de leitos de UTI para os

cuidados de doentes graves em detrimento de políticas preventivas de distanciamento, vacinação e fortalecimento das ações da atenção primária. Essa reação governamental provocou sobrecarga na atenção terciária e preocupação com o contexto de saúde desses profissionais (DUNLOP C, et al., 2020).

As dificuldades relativas às condições de trabalho enfrentadas nas unidades de saúde, refletidas por altas cargas de atividades, distribuição desigual das tarefas, problemas nas comunicações institucionais, restrição de direitos trabalhistas, falta de EPIs, entre outros desafios, pode ser precursora da síndrome de burnout, também relatada como uma doença frequentemente diagnosticada nos profissionais de saúde nesse contexto de precarização do trabalho, sobretudo em um contexto em que o cenário vivenciado pelos profissionais é tão adverso e penso a traumas (SOARES JP, et al., 2022).

Estudos já corroboram o pensamento de que as condições de trabalho, as normativas organizacionais e a forma em que o trabalho está estruturado podem ser bastante prejudiciais para a saúde do trabalhador (RATOCHINSKI CMW, et al., 2016, ANDRADE CB, et al., 2018; LANCMAN S e JARDIM TA, 2004).

Essa revisão também demonstrou que o sexo feminino apresentou maiores níveis de sofrimento mental. Achados da literatura refletem que as mulheres são mais suscetíveis por estarem submetidas a uma variedade de condições que podem ocorrer simultaneamente, como a dupla jornada, o acúmulo entre as responsabilidades profissionais, maternas e domésticas e a falta de reconhecimento e desvalorização no trabalho (JANTSCH N, et al., 2018; MOREIRA DS, et al., 2009), principalmente quando se compara médicos e enfermeiras (AYASLIER AA, et al., 2023).

Trabalhadores com história prévia de transtornos mentais foram considerados como um público de maior risco para o adoecimento mental, pois esses indivíduos podem vivenciar uma intensificação dos sintomas devido aos inúmeros desafios colocados pelo enfrentamento ao novo coronavírus. Sendo assim, eles têm maior probabilidade do desenvolvimento de sintomas de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (GUNNELL D, et al., 2020).

Outro fator de risco para o adoecimento é a experiência de trabalho. A baixa experiência pode causar maiores níveis de adoecimento psíquico. Em contrapartida, uma experiência profissional consolidada é vista como um condicionante que pode auxiliar o indivíduo para um maior controle na emergência de situações estressantes ou potencialmente ansiogênicas.

Ela também guarda relação com uma percepção de confiança e capacidade de resolução de problemas, que pode ser designada como um fator de proteção para o indivíduo (DUARTE I, et al., 2020). A autoeficácia profissional foi descrita como um fator de proteção desses trabalhadores. Ela diz respeito às crenças dos sujeitos em suas próprias capacidades para obter um desempenho exitoso em seu contexto ocupacional (SPURK D e ABELE AE, 2014).

O estudo de Loiola E e Martins MC (2019), realizado com profissionais da enfermagem, concluíram que os indivíduos que apresentam maior nível de autoeficácia são os que menos desenvolvem a síndrome de burnout. A resiliência foi também um fator de proteção importante nessa revisão. Estudos sobre resiliência buscam compreender como as situações de adversidade são vivenciadas ou superadas pelos indivíduos (Carvalho FT, et al., 2007). Nessa revisão, demonstrou-se que, quanto maiores níveis de resiliência do indivíduo, menores níveis de depressão, estresse e ansiedade.

Esses indivíduos (mais resilientes) trilham um caminho para uma resignificação do trauma e para a construção de novas formas de lidar com os desafios (JUNQUEIRA MFPS e DESLANDES SF, 2003). Esses achados coadunam com o estudo de Teodoro CJ, et al. (2022), que concluíram que o nível de resiliência dos enfermeiros na pandemia era baixo/médio e a maioria apresentou indicativo de morbidade psicológica.

A experiência em outras pandemias, além de ser um fator de proteção do indivíduo, pois favorece o desenvolvimento de habilidades prévias para o trabalho em crises sanitárias, pode também contribuir para uma melhor condução geral dos desafios impostos por esse contexto tão desafiador. Rossi TRA, et al. (2022) documentaram a resposta positiva da Coréia do Sul perante a pandemia da COVID-19. Destacaram que as lições aprendidas em lidar com a MERS em 2015, que em português é a Síndrome Respiratória do Oriente

Médio, estimularam a produção de tecnologias, a constituição de parcerias público-privadas, o desenvolvimento de testes de alta sensibilidade e a ação pioneira de implantação de clínicas drive-thru.

A confiança na organização, que pode ser traduzida pelas ações tomadas pelas instituições em relação à proteção da saúde dos seus trabalhadores, também é relatada como um fator importante para evitar o adoecimento mental. Ações de valorização dos trabalhadores de saúde, apoio psicossocial, fornecimento adequado de Equipamentos de Proteção Individual, incentivo à pesquisa e proteção ao direito dos trabalhadores são importantes estratégias para atenuar o sofrimento mental dos profissionais de saúde, incluindo os trabalhadores da APS (RIBEIRO BC, et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos apresentados, verificou-se alta prevalência de resultados adversos de saúde mental nos trabalhadores da Atenção Primária (APS), sendo que a ansiedade, depressão, estresse e *burnout* foram os mais estudados. Esses profissionais foram submetidos a altas cargas de atividades, falta de EPI's e desvalorização profissional. Ser do sexo feminino, baixa experiência profissional e história de transtornos mentais foram fatores de risco para o adoecimento psíquico. Resiliência profissional, autopercepção de eficácia profissional, experiência em situações de epidemia e confiança na organização foram fatores de proteção. Evidências demonstram que, se comparados aos trabalhadores da atenção terciária, os profissionais da APS têm mais riscos de adoecimento mental. Apesar da APS, por meio de suas unidades básicas, demonstrar ser recurso importante para o enfrentamento da COVID-19, ainda carecem pesquisas que iluminem o contexto laboral destes trabalhadores. Um fator de limitação desta pesquisa é que, apesar de os países possuírem serviços de atenção primária, apresentam estruturas políticas, condições socioeconômicas, culturais e organização do sistema de saúde distintos uns dos outros e essas diferenças não foram consideradas no escopo do trabalho.

REFERÊNCIAS

1. AL-AMER R, et al. The impact of a pandemic on dental professionals' work and personal lives: A qualitative study with implications for primary healthcare workers. *Frontiers in Public Health*, 2022; 10: 963410.
2. ANDRADE CB, et al. Precarização do trabalho e saúde mental: o Brasil da Era Neoliberal. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2018; *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(12): 4739–4742.
3. APAYDIN EA, et al. Burnout Among Primary Care Healthcare Workers During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 2021; 63(8): 642–645.
4. ARAGONÈS E, et al. Psychological impact of the COVID-19 pandemic on primary care workers: a cross-sectional study. *British Journal of General Practice*, 2022; 72(720): 501-510.
5. AULANKO I, et al. Working conditions during the COVID-19 pandemic in primary and tertiary healthcare: a comparative cross-sectional study. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health*, 2023; 36(1): 139–150.
6. AYASLIER AA, et al. Burnout in primary healthcare physicians and nurses in Turkey during COVID-19 pandemic. *Primary Health Care Research & Development*, 2023; 24: 4.
7. BANCO MUNDIAL. COVID-19 no Brasil: impactos e respostas de políticas públicas. 2020.
8. BARROSO BIL, et al. A saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: reflexões sobre saúde, segurança e terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [Internet]*, 2020; 28(3): 1093–1102.
9. CARMASSI C, et al. Mental Health Symptoms among General Practitioners Facing the Acute Phase of the COVID-19 Pandemic: Detecting Different Reaction Groups. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2022; 19(7): 4007-4007.
10. CARVALHO FT, et al. Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, 2007; 23(9): 2023–2033.
11. CELESTINO JUNIOR FT, et al. "Cuidar do outro é cuidar de mim". *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 2023; 18(45): 3219-3219.
12. CUNNINGHAM AT, et al. Burnout and Commitment After 18 Months of the COVID-19 Pandemic: A Follow-Up Qualitative Study with Primary Care Teams. *The Journal of the American Board of Family Medicine*, 2023; 36(1): 105–117.
13. DUARTE I, et al. Burnout among Portuguese healthcare workers during the COVID-19 pandemic. *BMC Public Health*, 2020; 20 1-10.

14. DUNLOP C, et al. The coronavirus outbreak: the central role of primary care in emergency preparedness and response. *BJGP Open*, 2020; 4 (1): bjgpopen20X101041.
15. ENABULELE O, MOBOLAJI A. COVID-19 pandemic: an assessment of risk perception and the implementation of precautionary measures in a group of primary care workers in Nigeria. *Journal of Preventive Medicine and Hygiene*, 2021; 62(4): 822.
16. FIŠEKOVIĆ-KREMIĆ M. Risk factors for anxiety among healthcare workers in Primary Healthcare during COVID 19 pandemic. *Opsta medicina*. 2022; 28(3-4): 75-82.
17. GUNNELL D, et al. Suicide risk and prevention during the COVID-19 pandemic. *Lancet Psychiatry*, 2020; 7(6): 468-471.
18. JANTSCH N, et al. Síndrome de Burnout: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2018;7(1): 1371191.
19. JUNQUEIRA MFPS, DESLANDES SF. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 2003; 19(1): 227–235.
20. LANCMAN S, JARDIM TA. O impacto da organização do trabalho na saúde mental: um estudo em psicodinâmica do trabalho. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 2004; 15(2): 82-89.
21. LASALVIA A, et al. The psychological impact of COVID-19 among primary care physicians in the province of Verona, Italy: a cross-sectional study during the first pandemic wave. *Family Practice*, 2021; 39(1): 65-73.
22. LEE E, et al. Perceived stress and associated factors among healthcare workers in a primary healthcare setting: the Psychological Readiness and Occupational Training Enhancement during COVID-19 Time (PROTECT) study. *Singapore Medical Journal*, 2020; 63(1): 20.
23. LOIOLA E, MARTINS MC. Self-Efficacy at Work and Burnout Syndrome in Nursing Professionals. *Psicologia, Saúde & Doença*, 2019;20(3): 813–823.
24. LONDOÑO-RAMÍREZ AC, et al. Impact of COVID-19 on the Anxiety Perceived by Healthcare Professionals: Differences between Primary Care and Hospital Care. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2021; 18(6): 3277-3277.
25. MAROTO MAM. La resiliencia como predictora del impacto negativo (depresión, ansiedad y estrés) del COVID-19 en médicos de atención primaria. *Medicina de Familia SEMERGEN*. 2022;48(7): 101813.
26. MOREIRA DS, et al. Prevalência da síndrome de burnout em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 2009; 25(7): 1559–1568.
27. NONAKA S, et al. Prevalence of Burnout among Internal Medicine and Primary Care Physicians before and During the COVID-19 Pandemic in Japan. *Internal Medicine*, 2022; 61(5): 647-651.
28. PEREIRA EC et al. Saúde do trabalhador, práticas integrativas e complementares na atenção básica e pandemia da COVID-19. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2022; 56: 20210362.
29. PIT CO, et al. Saúde mental dos profissionais de enfermagem durante a pandemia da Covid-19 no Brasil: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 2022; 20: 10991.
30. RATOCHINSKI CMW, et al. O Estresse em Profissionais de Enfermagem: Uma Revisão Sistemática. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 2016; 20(4): 341–346.
31. RIBEIRO BC, et al. “Não somos máquinas!”: Saúde Mental de Trabalhadores de Saúde no contexto da pandemia covid-19. *Política & Sociedade*, 2021; 20(48): 78–100.
32. ROSSI TRA, et al. A resposta da Coreia do Sul à pandemia de COVID-19: lições aprendidas e recomendações a gestores. *Cadernos de Saúde Pública*, 2022; 38: 00118621.
33. SANTOS WJ, et al Saúde física e mental de profissionais de unidades de saúde da família na pandemia do COVID-19. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 2022; 27: 111–122.
34. SARTI TD, et al. Qual o papel da Atenção Primária à Saúde diante da pandemia provocada pela COVID-19? *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29(2): 2020166.
35. SILVA CR, et al. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 2005; 7(1): 70-81.
36. SOARES JP, et al. Fatores associados ao burnout em profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19: revisão integrativa. *Saúde em debate*, 2022; 46(1): 385–398.
37. SOUSA L, et al. Impacto psicológico da COVID-19 nos profissionais de saúde: revisão sistemática de prevalência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2021; 34: APE003775.
38. SPURK D, ABELE AE. Synchronous and time-lagged effects between occupational self-efficacy and objective and subjective career success: findings from a four-wave and 9-year longitudinal study. *Journal of Vocational Behavior*, 2014; 84(2): 119–132.
39. TEODORO CJ, et al. Resiliência em enfermeiros da atenção terciária à saúde no contexto da pandemia Covid-19. *Research, Society and Development*, 2022; 11(6): 43311629089.